"Abraça-o, e á *Presença* como se fôra gente [...], Fernando Pessoa."
Novos apontamentos sobre uma relação epistolar conhecida

Enrico Martines
Universidade de Parma

Resumo

O artigo apresenta uma atualização da situação do *corpus* da correspondência entre Fernando Pessoa e os diretores da revista *presença*, salientando as diferenças na disponibilidade das cartas e dos seus testemunhos em relação à edição publicada pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, em 1998. A atenção é especialmente concedida a três missivas que não constam dessa edição e que estão hoje disponíveis, a terceira das quais, escrita por Pessoa, levanta um problema de identificação do destinatário.

Palavras-Chave: correspondência, Fernando Pessoas, *presença*, atualização, novas cartas.

Abstract

The article presents an update of the situation of the *corpus* of correspondence between Fernando Pessoa and the editors of the magazine *presença*, highlighting the differences in the availability of the letters and their testimonies compared to the edition published by Imprensa Nacional - Casa da Moeda in 1998. Particular attention is given to three letters that were not included in that edition and which are now available, the third of which, written by Pessoa, raises the problem of identifying the addressee.

Keywords: correspondence, Fernando Pessoa, *presença*, update, new letters.

Devo começar a minha contribuição para este caderno temático por uma típica *excusatio non petita*. De facto, ao falar das relações epistolares de Fernando Pessoa com a *presença* e os presencistas, vou ter de cometer a deselegância de me referir a um trabalho meu já antigo. Mas, se me refiro a esse *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da presença* (Pessoa, 1998), não é para repetir coisas que já escrevi nesse volume. Antes, é para dizer exatamente o contrário, ou seja, que não vou reafirmar os temas já tratados na introdução a essa edição. Acho que todos os leitores conhecem a importância desta relação epistolar para todos os atores nela envolvidos.

Quando recebi o honroso convite dos organizadores do seminário sobre "Assuntos Epistolares" ligados a Fernando Pessoa, julguei que a coisa mais honesta que eu poderia fazer seria revisitar esse *corpus* epistolar à luz dos documentos hoje disponíveis para tentar oferecer – como diz o subtítulo do meu artigo – alguns "novos apontamentos sobre uma relação epistolar conhecida".

Deste ponto de vista, os 26 anos passados constituem uma grande vantagem. Não só, hoje em dia, a cópia digitalizada substituiu a fotocópia (na maioria das vezes a preto e branco) como instrumento de trabalho na ausência – temporária ou permanente – do documento original. Atualmente, há uma maior disponibilidade de consulta dos testemunhos, tendo em conta o seu paradeiro: de facto, 68 documentos que em 1998 estavam na posse dos herdeiros dos autores foram entretanto adquiridos pela Biblioteca Nacional de Portugal, como explicam Sousa, Pizarro e Fernandes (2022); 67 deles (entre transcrições datilografadas dos manuscritos enviados por Pessoa, cópias de químico dos datilografados enviados e manuscritos de cartas recebidas por Pessoa) pertenciam aos herdeiros deste, que, na altura do meu trabalho, me disponibilizaram (na pessoa de D. Manuela Nogueira) fotocópias; uma carta manuscrita de Pessoa a Miguel Torga (então Adolfo Rocha) – de que estava disponível apenas a sua transcrição datilografada, realizada pelo autor – foi recentemente doada à Biblioteca Nacional pela filha do destinatário, Clara Rocha.

Este último é um dos vários casos em que há disponibilidade de novos testemunhos para cartas que já figuravam na minha edição de 1998. Com efeito, além desse original manuscrito, existem os seguintes novos testemunhos:

ISSN 2183-4075

- 7 transcrições, datilografadas pelo autor, de cartas de que havia apenas o manuscrito enviado;
- 25 originais de cartas datilografadas enviadas (guardados em coleções particulares) de que havia apenas a cópia de químico produzida e conservada por Pessoa. Na verdade, num desses 25 casos nem havia a cópia de químico, que foi adquirida pela Biblioteca Nacional (cota E3/445) só em 2020: trata-se da carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões de 4-12-1931, de que nos anos 90 não pude consultar nenhum testemunho e que incluí na edição transcrevendo o texto publicado por Simões no seu *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões* (1957), aliás, com a data errada de 3-12-1931; hoje, desta carta, estão, portanto, disponíveis quer o original datilografado, quer a cópia de químico.
- 1 carta de José Régio a Pessoa (de 24 de janeiro de 1930, cota E3/465), de que, na altura, só pude ver a reprodução em fac-símile no livro de Isabel Murteira França, *Fernando Pessoa na Intimidade* (1987: 302).

Em geral, a disponibilidade destes novos testemunhos não leva a alterar as transcrições já realizadas para essas cartas, mas pode contribuir para acrescentar algum pormenor que não estivesse patente nos documentos então disponíveis.

Mas há também casos de novos documentos que testemunham cartas que poderiam ter entrado nessa edição das cartas entre Pessoa e os diretores da *presença*, caso estivessem disponíveis na altura: trata-se, em primeiro lugar, de duas missivas recebidas pelo poeta dos heterónimos durante o seu último ano de vida, 1935; uma escrita por Adolfo Casais Monteiro, outra por João Gaspar Simões. Ambos os documentos estavam na posse da família, antes da recente adquisição pela BN, mas não me foram disponibilizadas na altura do meu trabalho.

No que diz respeito à carta de Casais Monteiro, escrita a 13 de agosto de 1935 (com *post scriptum* de 16 de agosto, cota E3/461), esta já apareceu fac-similada em duas publicações organizadas pelos herdeiros (França, 1987: 352–353; Nogueira, 2005: 114) e foi transcrita e comentada no mencionado artigo da *Pessoa Plural* n.º 21 (Sousa, Pizarro e Fernandes, 2022: 283–286). No diálogo epistolar conhecido entre esse diretor da *presença* e Pessoa, ela coloca-se entre a carta escrita pelo mesmo a 6 de março e a última unidade dentro deste *corpus* de

ISSN 2183-4075

correspondência, o postal enviado por Casais Monteiro a 25 de outubro, a que Pessoa ainda começou a responder a 30 do mesmo mês, numa tentativa que ficou inacabada. De facto, a última carta conhecida que o autor de *Confusão* recebeu do autor da *Mensagem* foi a de 20 de janeiro, ainda na sequência da famosa "carta sobre a génese dos heterónimos". A 13 de agosto, Casais Monteiro escreve para pedir colaboração para o seguinte número da *presença*: "Não sei se o Régio já lhe escreveu pedindo-lhe colaboração para a próxima 'presença'. Se já, venho lembrar-lhe; se não, venho pedir-lhe […]" (Sousa et al., 2022: 284). De facto, José Régio já o fizera na última carta que enviou a Pessoa – a de 9 de junho[6] – e fá-lo-ia outra vez Casais Monteiro no postal de 25 de outubro;[7] mas em vão, uma vez que a última colaboração em vida de Pessoa na folha coimbrã figurou no n.º 41–42, de maio de 1934; aliás, no mencionado rascunho de resposta a Casais Monteiro, datado de 30 de outubro, Pessoa comunicava a sua decisão de não publicar mais em periódicos portugueses por causa das medidas censórias adotadas pelo regime salazarista.[8]

Voltando à carta de 13 de agosto, o diretor da *presença* esclarece que gostaria de receber alguma coisa em prosa, não por razões de preferência pessoal – como se apressa a explicar – mas porque o número da revista (o n.º 46, de outubro de 1935) já tem bastante poesia.[9] Há ainda rastos da conversa travada na famosa troca epistolar de janeiro nesta referência de

[6] "Estou preparando o próximo número da *presença*... E o número anterior já não trouxe colaboração alguma do Fernando Pessoa. O Fernando Pessoa não consentirá que suceda o mesmo com êste, pelo menos tenho essa esperança quási como certeza (ou antes: como certeza) e portanto cá fico esperando e desde já me atrevo a agradecer a sua colaboração." (Martines, 1998: 84).

[7] "(...) lembro-lhe que sai ainda êste ano um número da *Presença* (além daquele que receberá por êstes dias), e que há muito tempo não nos tem dado a sua colaboração — e bem sabe quanto a prezamos." (Martines, 1998: 269).

[8] "Já tinha promettido, pessoalmente, aqui ha dias, ao Gaspar Simões, dar essa collaboração, de sorte, não indo já a tempo para o numero que está a sahir, pudesse todavia apparecer no que deve sahir pelo Natal.
Succede, porém, uma coisa — succedeu ha cinco minutos — que me confirma em uma decisão que estava incerta, e que me inhibe de dar collaboração para a *Presença*, ou para qualquer outra publicação aqui do paiz, ou de publicar qualquer livro.
Desde o discurso que o Salazar fez em li de Fevereiro deste anno, na distribuição de premios no Secretariado de Propaganda Nacional, ficámos sabendo, todos nós que escrevemos, que estava substituida a regra restrictiva da Censura, 'não se póde dizer isto ou aquillo', pela regra sovietica do Poder, 'tem que se dizer aquillo ou isto'. Em palavras mais claras, tudo quanto escrevermos, não só não tem que contrariar os principios (cuja natureza ignoro) do Estado Novo (cuja definição desconheço), mas tem que ser subordinado às directrizes traçadas pelos orientadores do citado Estado Novo. Isto quere dizer, supponho, que não poderá haver legitimamente manifestação literaria em Portugal que não inclúa qualquer referencia ao equilibrio orçamental, à composição corporativa (tambem não sei o que seja) da sociedade portugueza e a outras engrenagens na mesma especie." (Martines, 1998: 282).

[9] "especificando que muito gostariamos que nos desse alguma coisa em prosa (Isto significa apenas que já temos bastante poesia para êsse número, e não — escusado seria dizê-lo! — que tenhamos preferência pela sua prosa)." (Sousa et al., 2022: 284).

ISSN 2183-4075

Casais Monteiro: "A propósito, ousarei preguntar-lhe pelo seu anunciado 'Cancioneiro', para já não falar nos outros livros." (Sousa et al., 2022: 284): de facto, é interessante verificar que Pessoa mencionara esse título para o volume de poemas do ortónimo no plano de publicação comunicado a João Gaspar Simões em 1932,[10] enquanto na parte da carta de 13 de janeiro que se referia aos seus propósitos editoriais falara apenas do "tal grande volume dos poemas pequenos do Fernando Pessoa elle-mesmo" (Martines, 1998: 253), que tencionava reunir durante esse verão; e, na carta de 20 de janeiro, referira-se ao "livro grande em que congregue a vasta extensão autonyma do Fernando Pessoa" (Martines, 1998: 265), sem mencionar o título de *Cancioneiro*, que aliás aparece em vários projetos editoriais pessoanos que Casais Monteiro não podia conhecer. O jovem diretor da *presença*, a 13 de agosto, diz esperar ansiosamente essa publicação por causa do seu projeto de escrever um ensaio sobre a poesia do seu interlocutor: "Espero-os ansiosamente, por tôdas as razões, em especial por causa do projecto meu, que já conhece, de lhe dedicar um ensaio." (Sousa et al., 2022: 284). Outra referência interessante nesta carta diz respeito a um intelectual espanhol, Enrique Azcoaga,[11] que estaria interessado em receber um exemplar da *Mensagem*,[12] o que mais uma vez sublinha a vocação cosmopolita de Adolfo Casais Monteiro. Vocação essa que é confirmada pelo assunto principal do *post scriptum* acrescentado três dias mais tarde, ou seja, o pedido de uns poemas para a revista italiana *Lirica*: "É o caso que ando há muito tempo para lhe pedir colaboração para a revista de poesia 'Lirica'. Creio que sabe já do que se trata: duma revista que publica poesia de todos os países, cujo comité português é constituido por Luiz de Montalvor, J. Osório de Oliveira e êste seu amigo" (Sousa et al., 2022: 285). Esta revista, como se lê no boletim informativo publicado no jornal italiano *Gazzetta del Popolo* a 11-7-1934, era uma "collezione che si propone di dare contezza al pubblico italiano dello stato della poesia lirica nelle parti del mondo abitate da uomini di razza bianca", afirmacão que nos restitui o clima político e ideológico internacional desses perturbados anos Trinta do século XX. Este pedido explica, aliás, a expressão contida na já mencionada carta de Casais

[10] "Mais tarde, no outro anno, seguiria, só ou com qualquer outro livro, 'Cancioneiro' (ou outro titulo egualmente inexpressivo), onde reuniria (em 'Livros I a III' ou 'I a V') varios dos muitos poemas soltos que tenho, e que são por natureza inclassificaveis salvo de essa maneira inexpressiva." (Martines, 1998: 199).
[11] Escritor, poeta e crítico de arte que pertenceu ao movimento conhecido como a Geração de 1936.
[12] "Queria pedir-lhe um exemplar da 'Mensagem', para um espanhol que me pede livros de poetas portugueses modernos." (Sousa et al., 2022: 284).

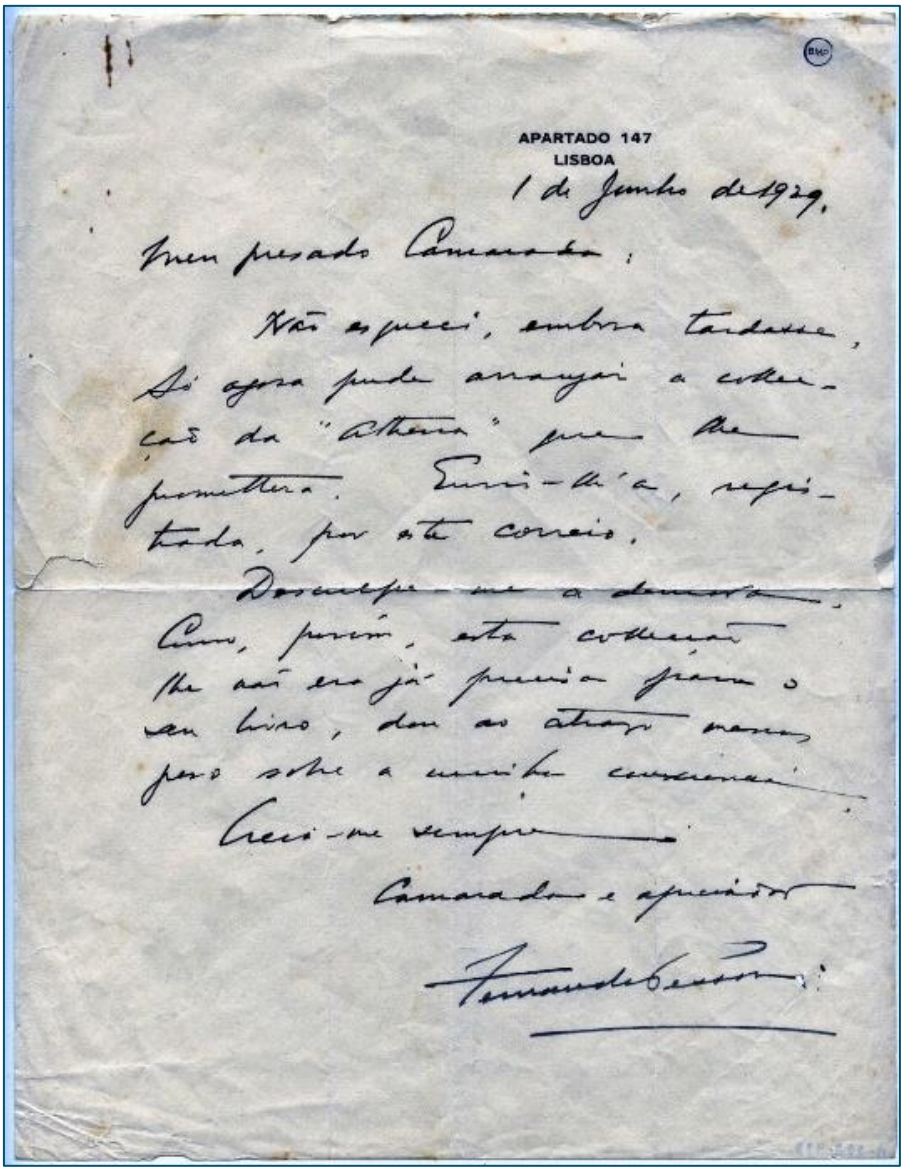
ISSN 2183-4075

Monteiro de 25 de outubro, em que este escrevia "peço-lhe que não se esqueça do pedido que já lhe fiz de alguns poemas para a revista italiana *Lirica*" (Martines, 1998: 269).

A segunda missiva que teria entrado na minha edição de 1998, caso os herdeiros de Pessoa ma tivessem disponibilizado, é um postal de João Gaspar Simões de setembro de 1935 (o autor não indica o dia do mês), publicado no n.º 23 de *Pessoa Plural*, dentro do artigo "O Espólio Infinito: sobre algumas aquisições em falta" de Martines, Vizcaíno, Xavier, Pizarro e Sousa (644-645). Trata-se de uma breve comunicação de Simões que, estando em Lisboa há seis meses, tenta combinar um encontro com Fernando Pessoa.

Há outra epístola que teria provavelmente incluído na minha edição das *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da* presença, embora com o nome do destinatário entre colchetes, sendo conjeturado. Trata-se de um caso bastante controverso: é uma carta de Fernando Pessoa de 1 de junho de 1929, guardada na coleção de manuscritos de Alberto de Serpa presente na Biblioteca Municipal do Porto (cota M-SER-935).

ISSN 2183-4075



APARTADO 147
LISBOA

1 de Junho de 1929.

Meu presado Camarada:

Não esqueci, embora tardasse. Só agora pude arranjar a collecção da "Athena" que lhe promettera. Envio-lh'a, registrada, por este correio.

Desculpe-me a demora. Como, porém, esta collecção lhe não era já precisa para o seu livro, dou ao atrazo menos peso sobre a minha consciencia.

Creio-me sempre

Camarada e apreciador

Fernando Pessoa

Foi Fernanda Vizcaíno quem, indiretamente, me chamou a atenção para esta carta, por ela transcrita na sua tese de doutoramento, *Correspondência de Fernando Pessoa Revisitada* (2018: 345; carta 125).

A carta não indica explicitamente o nome do destinatário, sendo o vocativo constituído pela fórmula anónima "Meu presado Camarada" e não havendo qualquer referência, no interior da carta, que sugira de forma inequívoca a identidade do destinatário. O próprio catálogo da coleção de manuscritos de Alberto de Serpa é prudente neste aspeto, uma vez que se limita a indicar que a carta "Não indica o nome do destinatário, substituído pelo

ISSN 2183-4075
CC BY

clássico 'Meu presado camarada"' (Ferreira, 1988: 153); isto é, no catálogo não se avançam hipóteses sobre a sua identidade. Já a transcrição de Fernanda Vizcaíno refere como destinatário o nome de Alberto de Serpa. Pode parecer a hipótese mais óbvia, uma vez que a carta se encontra no espólio deste presencista; contudo, é preciso ter em conta que não se trata de um simples espólio, mas sim de uma coleção de manuscritos em que Alberto de Serpa reuniu também cartas de diversos autores dirigidas a vários destinatários. Para Serpa, uma carta de Pessoa que lhe fosse cedida por algum amigo ou conhecido seria certamente um manuscrito valioso. De facto, existem indícios que levam a pensar que a carta não fosse dirigida a Serpa e que o documento lhe possa ter sido cedido por uma terceira pessoa. Os elementos que sugerem esta hipótese são:

− o vocativo "Meu presado camarada" e a despedida "Creia-me sempre camarada e apreciador" mostram certa proximidade e estima entre os interlocutores e fazem pensar que esta não seria a primeira epístola entre Pessoa e o seu destinatário. A referência à demora de Pessoa em arranjar a coleção da *Athena* confirma a impressão de que não se trata do primeiro contacto entre os dois. Porque é que então não existem mais cartas de Pessoa a Serpa desse período? Parece implausível que Serpa, colecionador de manuscritos, não as tivesse guardado;

− Pessoa diz-se "apreciador" do seu destinatário; mas, se este fosse Alberto de Serpa, Pessoa seria apreciador de quê? Serpa, na altura, publicara apenas (e ainda em 1924) a novela *A Saudade do Mar* e dois livros de poesia (*Quadras* e *Evoé*) que o próprio autor olhava com pejo e não considerava parte do seu próprio cânone literário;[13]

− na carta, Pessoa escreve: "Como, porém, esta collecção lhe não era já precisa para o seu livro, [...]". Portanto, o interlocutor teria em preparação (ou teria acabado de sair) um livro para o qual a coleção da *Athena* poderia ter sido de alguma utilidade. Ora, Serpa não tem outro livro publicado antes de 1934 (o volume de poesia *Varanda*);

− é plausível que Pessoa mantivesse contatos com Serpa já em 1929? Normalmente, os contactos epistolares que Pessoa mantinha com intelectuais mais jovens (Serpa em 1929 tinha apenas 23 anos) deviam-se a duas motivações: a) pedidos de colaboração para revistas

[13] Numa composição intitulada "Primeiras Obras do Autor", incluída em *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, Serpa escreveu, a propósito das suas primeiras publicações: "Se acaso qualquer desses livros vejo/junto de amiga ou inimiga mão,/as faces, a alma, cobrem-se de pejo./ — Só, aperto-os com saudade ao coração". Cf. Rocha, C., "Alberto de Serpa (1906–1992)", no *site Modern!smo. Arquivo Virtual da Geração de Orpheu*.

ISSN 2183-4075

a que os jovens estavam ligados, como no caso da *presença*; b) envio a Pessoa, por parte desses jovens, de obras para mostrarem implicitamente a sua admiração e pedir ao poeta do *Orpheu* a sua ilustre opinião. Quanto à primeira motivação, eram Régio (a partir de 1928) e Simões (a partir de 1929) os presencistas que mantinham contatos com Pessoa e tratavam de obter dele colaboração para a revista. Além disso, é preciso averiguar em que medida Serpa, já em 1929, seria um presencista ativo: a este propósito, sabe-se que Serpa já colaborara na *Tríptico*, revista que – com a *Byzancio* –, em Coimbra, antecedeu a fundação da *presença* e de que saíram os dois núcleos que formariam o grupo dos presencistas. Contudo, Alberto de Serpa colabora pela primeira vez na folha só em dezembro de 1934 (n.º 43); portanto, ele, em 1929, ainda nem era um presencista. Quanto à segunda motivação (a oferta de livros), como já relevei, Serpa publicou obras em 1924, cinco anos antes desta carta, e só voltaria a publicar em 1934. De facto, a troca de epístolas entre ele e Pessoa sobre a qual não há dúvidas acontece só em janeiro de 1935 (AdS a FP, 1-1-1935; FP a AdS, 20-1-1935) e é motivada pela oferta, por parte de Serpa, do livro *Varanda*, que acabara de ser publicado, e pelo envio da *Mensagem* por parte de Pessoa. Se esta carta de 1929 fosse para Serpa, seria difícil explicar um silêncio de cinco anos e meio nas relações entre os dois.

Por estas razões, parece implausível que o destinatário desta carta fosse Alberto de Serpa. A minha conjetura é que a carta fosse dirigida a João Gaspar Simões. Embora este tenha declarado que a primeira carta que recebeu de Fernando Pessoa foi a de 26-6-1929 e seja, de facto, esta a carta inaugural da sua edição das *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões* (1957),[14] parece evidente – ao ler a carta mais antiga disponível desta correspondência, a de Simões de 6 de junho de 1929 – que o diálogo epistolar entre os dois está *in medias res*, não começa por aí.

Simões principia escrevendo:

> *Muito obrigado pela sua oferta. Desculpe ter demorado uns poucos de dias a agradecer a bela colecção da "Athena". Supuz poder fazer êste agradecimento, podendo fazer acompanhá-lo pelo meu livro. Foi impossível. Apenas para a semana ficará concluido.* (Martines, 1998: 91).

[14] Simões escreve, na "Introdução" à sua edição: "As nossas relações datam, porém, de 1929, como se depreende da data da primeira carta que o Poeta me endereçou. À publicação do meu primeiro livro — em Junho de 1929 — devo essa feliz oportunidade." (1957: 13).

ISSN 2183-4075

Portanto, há a referência à oferta da "bela colecção da 'Athena'" e ao "livro" cujo título Simões não precisa de indicar, e acerca do qual nem tem de dar esclarecimentos, porque, evidentemente, o referente do signo linguístico "livro" está claro por ter sido explicitado num ato comunicativo anterior. Tendo em conta que Pessoa e Simões se encontraram pessoalmente pela primeira vez só em 1930, este ato comunicativo anterior deve ter ocorrido por via epistolar, a não ser que a comunicação entre os dois tivesse acontecido de forma indireta, por intermédio de Carlos Queiroz, o que não parece muito provável, uma vez que em junho se escrevem.

E, se lermos em sequência a carta de Pessoa com destinatário não explicitado de 1 de junho e esta de Simões a Pessoa de cinco dias depois, parece-me que as peças do *puzzle* encaixam perfeitamente:

Apartado 147 LISBOA 1 de Junho de 1929. Meu presado Camarada: Não esqueci, embora tardasse. Só agora pude arranjar a collecção da "Athena" que lhe promettera. Envio-lh'a, registrada, por este correio. Desculpe-me a demora. Como, porém, esta collecção lhe não era já precisa para o seu livro, dou ao atrazo menos peso sobre a minha consciencia. Creia-me sempre Camarada e apreciador Fernando Pessoa	Meu admirado Camarada: Muito obrigado pela sua oferta. Desculpe ter demorado uns poucos de dias a agradecer a bela colecção da "Athena". Supuz poder fazer êste agradecimento, podendo fazer acompanhá-lo pelo meu livro. Foi impossível. Apenas para a semana ficará concluido. Tinha-lhe dito, em tempos, que não pensava escrever por ora o ambicionado estudo sôbre a sua obra. Não resisti à tentação. Escrevi um pequeno ensaio com o seu nome, que juntei ao meu livro. Quero pedir-lhe, muito e muito, que me perdôe tudo quanto nêle possa revelar incompreensão. De resto, eu encerro-o com palavras de contricção. Fez-me muita falta a "Athena" para destrinçar certas ideias que uma leitura já remota me tinha deixado dos poemas de Alberto Caeiro. O unico numero de que

ISSN 2183-4075

	pude dispôr foi do primeiro. Enfim, tenho a certeza de que Você saberá perdoar. No fim da próxima semana enviar-lhe hei o livro. Com os meus melhores cumprimentos e a minha maior admiração sou seu camarada obrigado João Gaspar Simões Coimbra 6 Junho de 1929. P.S. Desculpe não lhe ter agradecido a poesia de Alvaro de Campos. Sai no próximo número da "Presença". João G. Simões

Encontramos a oferta, prometida por parte de Pessoa e finalmente realizada, da coleção da *Athena*, coleção que poderia ter sido útil para um livro do seu destinatário, referido na carta de Simões: trata-se da coletânea de ensaios *Temas*, que saiu justamente em junho de 1929 e que inclui o primeiro estudo publicado em livro sobre a figura de Fernando Pessoa. O seu autor escreve na carta de 6 de junho: "Tinha-lhe dito, em tempos, que não pensava escrever por ora o ambicionado estudo sôbre a sua obra. Não resisti à tentação. Escrevi um pequeno ensaio com o seu nome, que juntei ao meu livro." E, quanto à possível utilidade da coleção da *Athena* para a redação deste estudo, Simões acrescenta: "Fez-me muita falta a 'Athena' para destrinçar certas ideias que uma leitura já remota me tinha deixado dos poemas de Alberto Caeiro." A carta de 6 de junho parece ser a réplica à carta de 1 de junho, que por isso suponho que fosse dirigida a ele.

Simões também se refere, no P.S., a um poema de Álvaro de Campos que sairia no seguinte número da *presença*: trata-se da colaboração (o poema *Apontamento*) enviada com a carta de 17 de maio de 1929, endereçada cumulativamente à redação da revista (cf. Martines, 1998: 87). Com efeito, tudo indica que o início da correspondência entre Pessoa e Simões

ISSN 2183-4075

seja anterior a esta troca de epístolas de início de junho: voltando às duas cartas de início deste mês, vemos que não só Pessoa, a 1 de junho, menciona a promessa da coleção da *Athena* como algo já formulado antes e que já tardou a cumprir, como também se refere a "o seu livro" como a um tema já enunciado anteriormente; o próprio Simões, a 6 de junho, escreve "*Tinha-lhe dito, em tempos* [sublinhado meu], que não pensava escrever por ora o ambicionado estudo sôbre a sua obra". Como é que lho teria dito se não em carta? O diálogo entre os dois vem de mais longe e é possível que haja mais missivas que ainda não conhecemos.

Porque é que, então, Simões não inclui essas cartas anteriores na sua recolha das *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*? E, sobretudo, porque é que se refere à carta de 29 de junho como a primeira epístola que Pessoa lhe enviou?[15] A única explicação que consigo dar é que Simões, em 1957, publicou as cartas que tinha guardado, tendo-se até provavelmente esquecido das outras, cedidas em tempos. Por exemplo, Simões parece esquecer que o próprio José Régio se carteara com Pessoa antes dele, quando escreve, no mesmo artigo aqui citado: "a carta de Junho de 29 fundiu o gelo que porventura existia entre Pessoa e as gerações mais novas, e foi comigo, não com José Régio, que ele se carteou durante os cinco anos que nos mantivemos afastados – Pessoa em Lisboa, eu em Coimbra." (*apud* Vizcaíno, 2018: 70).

Não admira que uma ou mais cartas dirigidas a Simões fossem parar à coleção de manuscritos de Alberto de Serpa, onde se encontram – entre muita outra correspondência de terceiros e material variado – vários documentos que pertencem ao diretor-fundador da *presença*.

Muito mais poderia dizer acerca das "novidades" em relação a 1998, a propósito desta correspondência. Este artigo é apenas uma primeira amostra da vitalidade de uma relação epistolar que continua, depois de passados quase noventa anos da sua conclusão, a reservar surpresas e a gerar interesse.

[15] "A carta de Pessoa — a sua primeira carta –, uma folha branca, tendo ao alto impressas estas palavras: 'Apartado 147, Lisboa' — carta escrita *corrente calamo*, de uma caligrafia espraiada e segura, com o nome 'Fernando Pessoa', seguido de um ponto final, sublinhado por um traço firme e grosso da sua caneta de tinta permanente, está hoje publicada, com as trinta e nove restantes, no volume, aliás esgotado, a que dei o título de *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões.*" (João Gaspar Simões, "XXIV — Alguns Poetas que Conheci: Fernando Pessoa — 2) As nossas relações epistolares", Rubrica "Outras Páginas de uma 'Autobiografia literária'", *Diário Popular*, 23 de janeiro de 1974. *Apud* Vizcaíno, 2018: 69–70).

ISSN 2183-4075

Referências

Livros:

FERREIRA, Manuel (1988) *Catálogo da Preciosa Colecção de Manuscritos Reunida pelo Poeta Alberto de Serpa*, elaborado por Manuel Ferreira, livreiro-alfarrabista. Leilão organizado por Soares & Mendonça, Lda.

FRANÇA, Isabel Murteira (1987) *Fernando Pessoa na Intimidade*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

MARTINES, Enrico (1998) *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da* presença, Ed. e estudo de Enrico Martines, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

NOGUEIRA, Manuela (2005) *Fernando Pessoa: Imagens de uma Vida*, apresentação de Maria Aliete Galhoz, prefácio de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.

SIMÕES, João Gaspar (1957) *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, introdução, apêndice e notas do destinatário, Lisboa, Publicações Europa-América.

VIZCAÍNO, Fernanda (2018) *Correspondência de Fernando Pessoa Revisitada*, Braga, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho, tese de doutoramento. .

Revistas:

SOUSA, Rui, Jerónimo PIZARRO e Manuel P. FERNANDES (2022) "O Espólio Infinito: sobre as novas aquisições, 390 a 829", *Pessoa Plural*, 21: 239–471.

MARTINES, Enrico, Fernanda VIZCAÍNO, Rodrigo XAVIER, Jerónimo PIZARRO e Rui SOUSA (2023) "O Espólio Infinito: sobre algumas aquisições em falta", *Pessoa Plural*, 23: 158–661.

Documentos na Internet:

NÃO ASSINADO [Lorenzo Gigli] (1933) All'insegna delle Belle Lettere, *Gazzetta del Popolo*, 26/04/1933, [em linha] disponível em https://www.dioramagdp.unito.it/items/show/1027#?c=0&m=0&s=0&cv=0 (consultado em data 29/09/2024).

ROCHA, C. (s.d.) "Alberto de Serpa (1906–1992)", no site *Modern!smo. Arquivo Virtual da Geração de Orpheu*, [em linha] disponível em https://www.modernismo.pt/index.php/a/504-alberto-de-serpa-1906-1992 (consultado em data 29/09/2024).

ISSN 2183-4075

Enrico Martines é professor associado de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade de Parma, em Itália. Editou a correspondência entre Fernando Pessoa e os diretores da Presença (*Cartas entre Fernando Pessoa e os diretores da Presença*, INCM, 1998) e estudou a história desta revista, bem como a relação entre o movimento Orpheu e o chamado «segundo modernismo». Trabalhou em edições crítico-genéticas e estudos filológicos da poesia de José Régio, tendo integrado a equipa de investigação que estudou e editou os manuscritos de José Régio. Os resultados deste trabalho incluem as publicações *José Régio, il poeta di Dio e del Diavolo* (2003), *José Régio: versos esparsos e inacabados* (2016) e *José Régio e os Mestres do Modernismo* (2019). Publicou também o livro *I modernismi in Portogallo e in Brasile* (2019), bem como ensaios sobre autores modernos portugueses e brasileiros. É coordenador do projeto de investigação "Fernando Pessoa's *Duke of Parma*: an unpublished Shakespearean tragedy", e é diretor científico do projeto «The Unveiling of Fernando Pessoa's Literary Legacy: *The Duke of Parma*», concebido pela Dra. Carlotta Defenu e a ser por esta realizado, tendo recebido uma bolsa Horizon-MSCA.

ISSN 2183-4075